

Táticas audiovisuais na educação online: uma bricolagem com vídeos

Audiovisual tactics in online education: a bricolage with videos

Vivian Martins¹

Edméa Santos²

Resumo

Os gêneros de vídeos que despontam na cibercultura são crescentes e seus usos são cada vez mais disseminados em ambientes de educação online, tornando-se um importante tema de pesquisa. O presente estudo delineou-se ao longo do Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O campo de pesquisa ocorreu na disciplina Tecnologias e Educação, da Licenciatura em Pedagogia da referida Universidade. O objetivo geral do estudo foi compreender como os vídeos vêm se materializando no ciberespaço, mais especificamente, na educação online, desenvolvendo, em contexto de Pesquisa-formação na Cibercultura, práticas de produção de gêneros de cibervídeos. O método de pesquisa escolhido encontra-se no entrelaçamento entre a pesquisa e os processos formativos, ocorrendo prioritariamente em contexto de docência online, a Pesquisa-formação na Cibercultura. Iniciamos com a criação do dispositivo formativo “Oficina de Produção de Cibervídeos”, o que possibilitou a produção de narrativas audiovisuais, imagéticas e textuais que contribuíram para a compreensão dos questionamentos da pesquisa. Em seguida, houve a

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na linha de pesquisa: Cotidianos, redes educativas e processos culturais. Professora de Educação a Distância e Tecnologias Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). E-mail: vivian.martinst@gmail.com

² Professora Titular-Livre da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) Pedagoga pela UCSAL, mestre e doutora em Educação pela UFBA. Pós-doutora em e-learning e EAD pela UAB-PT, onde colabora esporadicamente no MPEL - Mestrado em Pedagogia do e-Learning.

conversa com os dados produzidos em campo e, como resultado, emergiram três noções subsunçoras: formação para a videodocência na cibercultura, produção interativa de vídeos e táticas audiovisuais: uma bricolagem com vídeos. No presente artigo apresentaremos a última noção descrita acima, originária da interlocução entre as reflexões teórico-epistemológicas e da mobilização de saberes a partir da produção audiovisual no campo de pesquisa.

Palavras-chave: Cibervídeos. Educação Online. Pesquisa-formação na Cibercultura.

Abstract

The genres of videos that emerge in the cyberculture are increasingly disseminated in online education environments, becoming an important research topic. This study was designed throughout the Master's Degree in Education at the Rio de Janeiro State University (UERJ). The research field took place in the discipline Technologies and Education, of the Degree in Pedagogy of the UERJ. The general objective of the study was to understand how the videos have been materializing in the cyberspace, more specific, in online education, developing, in the context of Research-training in Cyberculture, production practices of cybergenres. The research method, a Research-training in Cyberculture, is chosen by the interweaving between research and training processes and it occurs primarily in the context of online teaching. We started with the creation of the formative device "Workshop on the Production of Cybervideos", which enabled the production of audiovisual, the imagery and the textual narratives that contributed to the understanding of the research questions. Then, there was a conversation with the data shown in the field and, as a result, three following notions emerged: training for videoteaching in cyberculture, interactive video production and audiovisual tactics: a bricolage with videos. In the present article, we will present the last notion above, originating from the dialogue between theoretical-epistemological reflections and mobilization of knowledge based on audiovisual production in the research field.

Keywords: Cybervídeos. Online education. Research-training in Cyberculture.

O cenário introdutório

O tema de interesse para estudo envolve a produção de vídeos na cibercultura e o processo de autorização e implicação de praticantes em formação na Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, origem da pesquisa concluída no Mestrado em Educação na mesma instituição de ensino. Reflexões são feitas a respeito dos audiovisuais, da educação e do processo de produção dos gêneros de cibervídeos. Ao utilizar o termo cibervídeos, referimo-nos aos vídeos emergentes da cultura contemporânea mediada pelo digital em rede, a cibercultura (SANTOS, 2014). O recorte estabelecido foi para os vídeos potencializados a partir das tecnologias digitais e utilizados na educação online, tais como: hipervídeo, microvídeo, videoaula, videoconferência, vídeo instantâneo, vídeo volátil e webinar.

O objetivo geral da pesquisa apresentada no presente artigo é compreender como os vídeos vêm se materializando e circulando no ciberespaço e, mais especificamente, na educação online, desenvolvendo, em contexto de pesquisa-formação na cibercultura, práticas de produção de gêneros de cibervídeos. Buscando responder a seguinte questão: Quais usos podem ser desenvolvidos utilizando as interfaces digitais para potencializar a autoria de vídeos pelos docentes, tendo em vista a crescente atualização dos softwares, aplicativos e práticas audiovisuais na educação online?

Os cibervídeos foram selecionados no primeiro momento da pesquisa, com o objetivo de mapear os gêneros produzidos a partir da tecnologia digital em rede, principalmente os vídeos potenciais para a educação online. Após vivência como praticantes da educação online, observando quais vídeos são utilizados nos desenhos didáticos, e mergulho bibliográfico na área, destacamos sete gêneros de cibervídeos que dialogam com o contexto da pesquisa: a educação na cibercultura.

Em um segundo momento, entrando em campo após compreender melhor esse fenômeno da cibercultura, o dispositivo de pesquisa “Oficina de Produção de Cibervídeos” foi criado para desenvolver usos pedagógicos com os gêneros de vídeos mapeados, de forma a proporcionar a autoria docente, a mobilização de saberes para a produção audiovisual e o compartilhamento em rede de suas produções. Ao longo do campo, o dispositivo de pesquisa possibilitou a produção de narrativas audiovisuais, imagéticas e textuais, contribuindo para a compreensão dos questionamentos da pesquisa.

Como método tem-se a pesquisa-formação na cibercultura, onde pesquisa e formação caminham lado a lado. Trata-se de um método que compreende o outro e a si mesmo em processos formativos, percebendo sua história, sua cultura, as questões políticas e psicossociais. Ao mesmo tempo em que o docente encontra-se em contexto educacional, acionando ambiências formativas em sua sala de aula, está pesquisando a sua práxis e compreendendo fenômenos que o inquieta. Os praticantes estão em interação horizontal, ou seja, em uma relação em que todos são vistos como potenciais formadores e pesquisadores.

Os estudos com os cotidianos e a multirreferencialidade atravessam todos os *espaçotempos* da investigação, desde a idealização inicial da pesquisa até a conversa com os dados. Também transversalizaram o estar em campo, a forma de lidar com os praticantes da pesquisa, as reflexões sobre os conteúdos que emergiram do dispositivo formativo e o entendimento das noções subsunçoras. Assumindo o inacabamento e a incompletude da pesquisadora ao lidar com situações complexas e instigantes, compreendendo que essa apropriação torna a pesquisa mais interessante e real.

O presente texto foi desenvolvido em tópicos específicos: na seção 1, esta introdução, apresentando a pesquisa, o método, o objetivo geral e a questão de pesquisa; na seção 2, algumas reflexões sobre os referenciais epistemológicos que ampararam a pesquisa; na seção 3, os princípios metodológicos da pesquisa, com o método da pesquisa-formação na cibercultura; na seção 4, os resultados da pesquisa, com a noção

subsunçora “Táticas audiovisuais na educação online: uma bricolagem com vídeos”; e na seção 5, algumas considerações conclusivas com uma síntese dos conteúdos abordados.

1. Fundamentos epistemológicos para pensar a pesquisa

Concordamos com Macedo, Galeffi e Pimentel (2009) para quem “a busca do rigor significa a busca da qualidade epistemológica, metodológica, ética e política, socialmente referenciadas, da pesquisa dita qualitativa” (p. 75). Nesse sentido, independentemente da abordagem de uma pesquisa, precisamos tratá-la com rigor. Os autores falam em uma formação outra em relação à pesquisa, valorizando como as pesquisas qualitativas vêm alterando as concepções científicas e promovendo um movimento de questionamentos e reinvenção. O posicionamento necessário no início desse texto faz-se para situar o leitor de onde partimos: de uma pesquisa que não se pretende neutra, engessada nos métodos quantitativos ou forjada por uma completude.

A partir desse referencial pensamos a pesquisa de forma qualitativa, considerando os pressupostos dos estudos dos cotidianos e da multirreferencialidade. Teorias que originaram as palavras-chave da noção subsunçora apresentada no presente texto: táticas (CERTEAU, 1994) e bricolagem (ARDOINO, 2003; BERGER, 2012; BORBA, 1997). O olhar multirreferencial de Ardoino (2003) em muito lembra os cotidianos e as artes de fazer de Certeau (1994).

Em Ardoino, a prática, não cansamos de repeti-lo, marca profundamente a noção de Multirreferencialidade. Jacques Ardoino é um homem da prática e isso em múltiplos sentidos e aspectos. Essa prática, à qual ele se dá intensivamente, ele a analisará mais tarde como sua forma de responder a uma carência que se inscreve na sua infância e adolescência. Jacques é um homem do fazer, exerce a arte do fazer, no sentido construído por De Certeau (BERGER, 2012, p. 24).

Berger associou o pensamento de Ardoino, o pai da multirreferencialidade, com as invenções cotidianas de Certeau. Estudando as duas vertentes também encontramos aproximações, assim

como distanciamentos significativos que as tornam marcantes e únicas. Guy Berger era um “longevo colega de pesquisas, estudos e formação” (MACEDO; BARBOSA; BORBA, 2012, p. 2) de Ardoino e compreendia em completude os estudos da multirreferencialidade.

Entendendo a pesquisa como uma oportunidade de enfrentar dilemas com praticantes plurais, imersos em suas subjetividades, optamos pela produção do conhecimento que considere tais epistemologias em suas inter-relações, aproveitando as potencialidades que cada uma apresenta. Sem a responsabilidade ou o intuito de esgotar o tema, que encontra-se em interlocução inicial pela pesquisadora que vos escreve. Início abordando as pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

As pesquisas nos/com os cotidianos conformam uma tendência de pesquisa em educação instituída há mais de 20 anos no Brasil e que tem como foco principal a investigação das práticas, das artes de fazer, das lógicas operatórias, das táticas e das invenções dos praticantes das redes educativas tecidas dentro-fora das escolas (SOARES, 2016, p. 87).

As pesquisas com os cotidianos não estão interessadas no que os praticantes não fazem, no que eles fazem errado ou o que poderia melhorar, como muitas pesquisas educacionais insistem em reforçar. Estamos interessados no *saberfazer*, no que o cotidiano revela de bonito, difícil, significativo, desafiador. É preciso valorizar o cotidiano como *espaçotempo* de múltiplos saberes que emergem, da prática e da teoria; saberes criados em autorias e manobras ao instituído, como táticas de praticantes (CERTEAU, 1994). A pesquisa nos cotidianos supõe a participação do pesquisador compartilhando da cultura local, na imersão total naquele contexto instigante.

Enquanto algumas pesquisas consideram preponderante a separação do pesquisador do seu objeto de pesquisa, os estudos com cotidianos preveem a imersão total, o mergulho com todos os sentidos (ALVES, 2008) na realidade que ali se apresenta. Compreendendo que uma neutralidade não se faz possível ao se tratar de seres humanos, de um contexto educacional complexo e de uma rede de significações que

perpassam e nos atravessam a cada momento. Um compromisso com a valorização do que é criado apesar de todas as intempéries que perpassam a difícil e conturbada profissão docente no Brasil.

A prática cotidianista foi integrada na pesquisa em sua constituição. Como um projeto de formação humana que valoriza a experiência (prévia e em ato) do pesquisador e dos praticantes plurais, imersos em suas subjetividades. Buscou-se a valorização do conhecimento comum dos praticantes sobre os audiovisuais, destacando o cotidiano da oficina como o espaço da realização do múltiplo, do criativo e do diverso. Houve a opção por aflorar as experiências coletivas ordinárias, considerando as gravações com os celulares como uma prática comum entre os praticantes da pesquisa, optamos trabalhar com vídeos produzidos nos cotidianos, como marca de uma cultura contemporânea.

Além dos estudos dos Cotidianos, autorizamo-nos a pensar a estrutura da pesquisa em outro ponto de partida epistemológico, baseado na Multirreferencialidade. “Penso que Ardoino constrói o conceito de Multirreferencialidade tendo em conta a bricolagem enquanto arte da articulação (articulação e não fusão ou confusão) de saberes.” (BORBA, 1997, p. 153) Articulamos os estudos com os cotidianos e a Multirreferencialidade partindo da premissa de interlocução de saberes. Neste trabalho artesanal, recorreremos à noção de bricolagem para explicar a união desses dois paradigmas, pela proximidade que elas apresentam.

Dessa forma, devemos falar em articulações questionantes, em relações questionantes, ao buscarmos a pertinência e a relevância na Multirreferencialidade, sempre aberta a outras referências, sempre cultivada na criticidade não arrogante, numa paz de baixa intensidade. Daí a necessidade da Multirreferencialidade ampliar suas possibilidades com as pautas da vida cotidiana, com as pautas das necessidades humanas concretas e as problemáticas vivas da sociedade, o “vivido” em Jacques Ardoino. Diria que a Multirreferencialidade é uma epistemologia mundana, impura (MACEDO, 2012, p.36).

A multirreferencialidade propõe, sob diferentes ângulos, uma leitura plural da teoria e da prática, para constituir parâmetro que busca dar conta da realidade educacional em sua completude, articulando diferentes

métodos de leituras a partir do mesmo dado prático. A Multirreferencialidade não está só na construção de dispositivos, está também na linguagem e no pensar a pesquisa. Na Multirreferencialidade um fenômeno é visto sob diferentes perspectivas. Uma epistemologia plural que não se contenta com um agir positivista, preferindo distinguir os diferentes olhares para alcançar a subjetividade inerente à pesquisa, tendo em vista o fato de processos, relações ou fenômenos não se apresentarem essencialmente puros para o pesquisador.

A este respeito, Ardoino (2012, p. 98) exemplifica com uma catástrofe, uma arquibancada que desaba em um estádio de futebol. As pesquisas sobre as causas do evento procurarão o elemento provocador, todavia, muitas variáveis podem influenciar, não basta compreender a engenharia, quando ocorreu uma turbulência excessiva por parte dos torcedores ou uma sabotagem nas estruturas centrais. E acrescenta:

Ora, nesses tipos de fenômenos, o que emerge é todo um conjunto de variáveis, de fatores determinantes, de parâmetros, de condições, de intencionalidades, de ordens, os mais frequentemente inscritos, às vezes, em temporalidades, sem relação uns com os outros, que interferem e se combinam para um tal efeito. (ARDOINO, 2012, p. 98)

Muitos fatores atravessam uma pesquisa, o homem, subjetivo, interfere nos dispositivos de investigação, criando contraestratégias ou negatividade, noções que não devem ser eliminadas do processo científico. Por esse motivo, é importante reconhecer a complexidade nas pesquisas em educação. “É preciso compreendermos um chamamento a outras formas de racionalidade, necessárias para sairmos dos descaminhos e impasses de um conhecimento simplificante, de outra forma de barbárie moderna” (ARDOINO, 2012, p. 92)

Pesquisar a partir da epistemologia das práticas, da Multirreferencialidade, é pesquisar considerando o outro em sua completude, em autorização e negatividade. Com pluralidade de olhares, várias abordagens e paradigmas para o mesmo tema, possibilitando encontrar novas perspectivas sobre a pesquisa. Trabalhar com a

Multirreferencialidade é ter múltiplos repertórios culturais dialogando com referências diversas.

Para Jaques Ardoino, que é um homem da arte do fazer, no sentido Certeuniano, a epistemologia impura da heterogeneidade não admite produzir conhecimentos culturalmente relevantes excluindo saberes outros. Desta forma, com múltiplos e similares olhares epistemológicos para a pesquisa, procedemos com a Multirreferencialidade, assumindo que uma única perspectiva não satisfaria ou alcançaria a proposta da pesquisa, articulada com os cotidianos.

A Multirreferencialidade abre espaço para a implicação, para o aflorar de múltiplos sentidos e saberes, não possui perspectiva homogênea. E o objeto deve ser analisado por diferentes ângulos, mobilizando novas referências, novos sentidos. Autorizar-se para encontrar o novo ou até se surpreender, pois as culturas alteram-se mutuamente e coexistem. A Multirreferencialidade emerge com uma heterogeneidade estrutural, em situação formal ou não formal, mas dialógica e fenomenológica.

Ardoino trabalha a Multirreferencialidade a partir das noções: “complexidade, ambiguidade, inacabamento, implicação, articulação, historicidade, temporalidade, alteridade, alteração, conjugação, distinção, heterogeneidade, entre outros.” (BORBA, 1997, p. 152) Para a nossa pesquisa, além dos conceitos citados acima, destacaremos a bricolagem.

“A bricolagem permite que escapemos, sempre, à retificação das coisas, das instituições e dos discursos”, diz Borba (1997, p. 149). Além de escapar, a bricolagem exige a capacidade do pesquisador de criar, mesclar, saber como tecer uma colcha de retalhos ou elaborar um mosaico. “Os bricoleurs apelam para uma variedade de métodos, instrumentos e referenciais teóricos que lhes possibilitem acessar e tecer as interpretações de diferentes origens”, afirmam Neira e Lippi (2012, p. 607). Assumimos o conceito de bricolagem a partir de duas perspectivas ao longo da pesquisa:

1. a bricolagem epistemológica que ocorre ao entrelaçar os estudos com os cotidianos e os estudos multirreferenciais para um entendimento mais aprofundado dos acontecimentos que transversalizaram a pesquisa; e
2. a bricolagem no audiovisual, considerando a união criativa de

diferentes formatos de vídeos realizada pelos praticantes da pesquisa. Recorremos ao sentido atribuído por Parente (2016) para uma maior compreensão desse fenômeno:

De maneira que todo objeto pode vir a ser um dispositivo midiático. Tal ressignificação de objetos banais, a partir de uma nova disposição de seus elementos internos, em potentes máquinas produtoras de signos, é algo próprio da bricolagem. [...] produzindo uma hibridização encantadora a partir do corriqueiro, se opõe ao pensamento racional científico, que possui uma unidade conceitual que almeja uma separação clara entre qualidades e quantidades (PARENTE, 2016, p. 83).

Parente utiliza a palavra “bricolagem” para os audiovisuais, diferente da bricolagem inspirada em Arduino (que apresenta um viés epistemológico). Os dois olhares para o mesmo conceito refletem a perspectiva multirreferencial que essa pesquisa adota. O presente artigo aprofundará tais sentidos e mixagens a partir da conversa com os dados e os resultados da pesquisa. Antes disso, apresento o método que foi utilizado ao longo da investigação, a pesquisa-formação na cibercultura.

2. A pesquisa-formação na cibercultura

A originalidade da metodologia da pesquisa-formação situa-se, em primeiro lugar, em nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenha sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos. (JOSSO, 2004, p. 25).

O método da pesquisa-formação na cibercultura proporcionará a produção de conhecimento que faça sentido para os praticantes, não poderíamos estar descontextualizados das práticas cotidianas, já que estaremos “criando com os praticantes culturais o método em sintonia com a empiria e as teorias acionadas sempre no devir da pesquisa, uma vez que todos os envolvidos constroem juntos os dispositivos, vivenciando-os” (D’AVILLA; SANTOS, 2014, p.1).

O pressuposto básico é pensar no professor que ensina aprendendo, avalia a própria prática docente e reconstrói o percurso na própria caminhada. A pesquisa, a implicação, o pertencimento, a mudança e a aprendizagem colaborativa fazem parte dos ideais importantes para uma educação de qualidade e caminham em sintonia com o método da pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS, 2014).

Iniciamos a investigação a partir dos dilemas docentes, que são inquietações que vem da prática do professor e são transformadas em questões de pesquisa. No caso do estudo apresentado neste texto, as inquietações que perpassam usos e criações com vídeos por docentes em formação inicial. Os dilemas docentes originam questões de estudos e então o docente aciona dispositivos de pesquisa (cursos, projetos ou ambiências formativas) para ir de encontro aos dados e compreender melhor o que causa a sua inquietação.

O docente elabora o desenho didático para a educação online e, como já mencionado, aciona dispositivos formativos. O dispositivo configura-se na atividade para ir ao encontro da narrativa. Acionamos dispositivos de acordo com a relação com os praticantes e com as demandas que se apresentam no campo de pesquisa, pois é importante criar dispositivos que façam sentido para os praticantes ciberculturais. Na pesquisa-formação não há centralidade no docente, nos conteúdos, nas tecnologias ou nos praticantes, a centralidade está na rede que se forma entre todas essas interlocuções.

O cotidiano da pesquisa foi na disciplina Tecnologias e Educação, da Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os praticantes tinham idade entre 18 e 42 anos, estavam cursando o primeiro período de Pedagogia e possuíam alguns conhecimentos sobre os cibervídeos, advindo dos usos culturais realizados por eles, tendo em vista serem usuários das diversas mídias sociais que proporcionam usos audiovisuais. Consideramos tais conhecimentos prévios no desenvolvimento do dispositivo.

O dispositivo de pesquisa acionado foi denominado como “Oficina de Produção de Cibervídeos”, onde os praticantes criaram gêneros de

cibervídeos da educação online, como hipervídeo, microvídeo, videoaula, videoconferência, vídeo instantâneo, vídeo volátil e webinar. O campo ocorreu no período de 06 de outubro a 15 de dezembro de 2016, na disciplina Tecnologias e Educação da Licenciatura em Pedagogia da UERJ. A turma foi dividida em sete grupos e o desenho didático da oficina contou com produções presenciais e online, síncronas e assíncronas. Na pesquisa-formação na cibercultura a educação online é modalidade e contexto de pesquisa.

A educação online é concebida para promover a (co)autoria do aprendente, a mobilização da aprendizagem crítica e colaborativa, a mediação docente voltada para interatividade e partilha, traz a cibercultura como inspiração e potencializadora das práticas pedagógicas, visa a autonomia e a criatividade na aprendizagem (SANTOS; CARVALHO; PIMENTEL, 2016, p. 24).

A educação online não é definida exclusivamente pelas tecnologias digitais, também é amparada pela interatividade, afetividade, colaboração, coautoria, aprendizagem significativa, entre outros. Buscando a visão de que aprendemos qualitativamente nas trocas e nas construções conjuntas. Estabelecendo comunidades de conhecimento mediadas pelo digital em rede, em espaços presenciais e no ciberespaço, a educação online assume paradigma que congrega a perspectiva comunicacional, com a tecnológica e a pedagógica. Nesse contexto a pesquisa foi desenvolvida, em ambiências online, onde conversas, imagens e vídeos foram produzidos.

O conhecimento que os participantes possuíam como praticantes ciberculturais não era sistematizado e direcionado para a educação, então este tornou-se um dos objetivos específicos da pesquisa, desvelando-se durante o dispositivo formativo. O pesquisador precisa estar atento aos movimentos no campo para ressignificar suas práticas, sem idealizar o método como algo fixo e as etapas da pesquisa como imutáveis. Então, foi possível compreender os saberes reconstruídos por eles durante a construção do trabalho, os processos de implicação e autorização dos praticantes na produção audiovisual, possibilitando a alteração dos rumos da pesquisa no que se tornou necessário.

Após a construção dos vídeos e a apresentação dos resultados dos trabalhos dos praticantes, dados emergiram das conversas e das videograções do processo formativo. A conversa com os dados acontece na observação da materialidade dessas produções, da análise aprofundada do que ali aconteceu, unindo memórias marcantes, com relatos de diários de pesquisa, com leitura das narrativas dos praticantes nos ambientes virtuais, com as videograções do campo e o referencial teórico. Desses dados, manifestam-se os resultados da pesquisa, relacionados à implicação do pesquisador com a sua pesquisa e o seu objeto.

Desta forma, buscamos a compreensão das noções subsunçoras da pesquisa. Elas são o esforço para interpretar o que emerge do campo, o que se constrói e se aprende a partir da pesquisa, o que vem da empiria e da sua formação prévia. São noções que emergem da conversa com os dados, com a prática e com suas vivências, representam o que ficou de significativo após a pesquisa, os resultados, na relação igualitária entre *prácticateoriaprática*. Dentre as noções que emergiram como resultados da pesquisa de mestrado, destacamos uma no presente artigo: “Táticas audiovisuais na educação online: uma bricolagem com vídeos”, que será detalhada a seguir.

3. A discussão com os dados e a emergência da noção subsunçora

O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada (CERTEAU, 1994, p. 38).

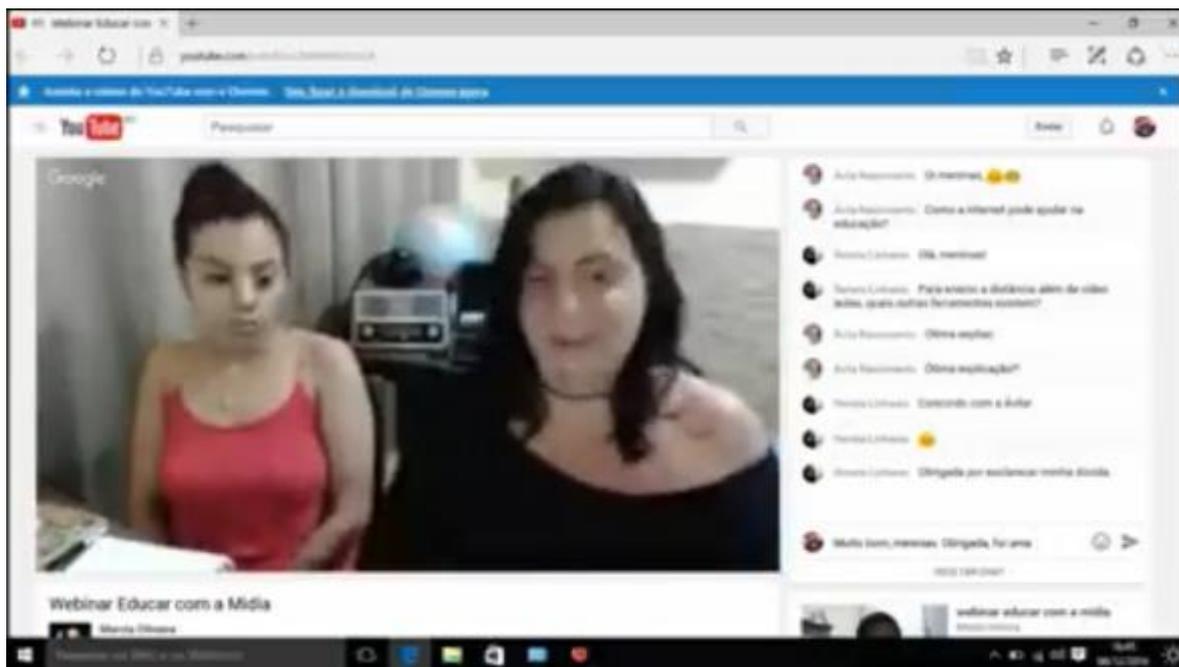
Ao longo do dispositivo de pesquisa, “Oficina de Produção de Cibervídeos”, a turma da disciplina Tecnologias e Educação foi dividida em sete grupos para a construção colaborativa do conhecimento. Como antes do dispositivo de pesquisa iniciar foi trabalhado com a turma um texto sobre Mídia-educação (DUARTE; ELEÁ, 2016) discutindo sobre educar com a mídia, educar para a mídia e educar por meio da mídia, aproveitamos tais conhecimentos como tema das produções audiovisuais. O grupo 2 abordou o tema Educar com a mídia com a criação de um Webinar.

Apresentaremos, a seguir, a narrativa textual do vídeo das praticantes, destacando alguns pontos abordados por elas na roteirização.

Inicialmente, o grupo apresenta o histórico dos artefatos tecnológicos, como rádio, televisão e telefone, evoluindo a apresentação dos computadores, telas interativas e notebooks, relacionando-os com a educação e às possibilidades de adaptações para os novos alunos que se apresentam. As praticantes abriram para perguntas do público: “Como a internet pode ajudar na educação?” Responderam afirmando que a internet torna as aulas mais dinâmicas. A tecnologia está relacionada à vida; a cibercultura e o ciberespaço estão presentes. Continuaram comentando, que dependendo de como é utilizada em sala de aula, a mídia pode oferecer uma educação libertadora ou doutrinadora, impedindo ou limitando a autoria dos professores. Após a segunda pergunta, as integrantes do grupo abordaram os demais gêneros de audiovisual na cibercultura, como hipervídeo, microvídeo, vídeo instantâneo, videopesquisa e videoaula. Concluíram destacando a importância das mídias em sala de aula e da formação de profissionais aptos a utilizá-las, transformando a construção dos conhecimentos dos alunos, possibilitando a formação de cidadãos críticos da sociedade.

Figura 1 – Captura da imagem do webinar sobre Educar com a mídia.





Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=FddY9kw8xTw>

As praticantes do Grupo 2 elaboraram o trabalho duas vezes: primeiro recorreram à interface de videoconferência Hangouts e, depois da apresentação, por iniciativa própria (já que a primeira convidada do webinar, Ana, fazia parte de uma rede particular de escolas do Rio de Janeiro, preferiram não postar seus relatos no YouTube para não expor a participante), fizeram uma segunda produção audiovisual com características mais fiéis ao webinar, como se pode ver na Figura 1, com o Hangouts on Air, que só foi projetada em sala de aula durante a apresentação. O relato inicial deste texto é sobre a segunda produção do grupo 2, já que o primeiro vídeo produzido não foi disponibilizado no YouTube.

Na primeira tentativa, foco da presente conversa com os dados, as praticantes estavam situadas em localidades diferentes e desejaram incluir todos os envolvidos no trabalho. Então utilizaram a videoconferência, outro cibervídeo com características que respondiam às suas inquietações, conforme narrativa da praticante Lidiane, durante apresentação do cibervídeo de seu grupo. Como as conversas foram gravadas, as narrativas puderam ser reproduzidas na íntegra:

Lidiane: No webinar só uma pessoa fala e as outras assistem, a interação entre os participantes é limitada apenas pelo chat. A gente fez um pouquinho diferente para todos poderem participar, então o nosso webinar é uma roda de conversa com a Ana, ela é professora do Pensi. Aí a gente fez umas perguntas para ela sobre como é para ela a educação por meio da mídia.

Ao longo da narrativa, a praticante exemplifica características do Webinar, mas assume ter realizado o cibervídeo de outra forma. Consideramos muito pertinentes as manobras ao instituído para alcançar o objetivo, pudemos identificar as ações do grupo como táticas de praticantes, como as definidas por Certeau (1994). Avaliamos o acontecimento como positivo, por considerar as múltiplas referências audiovisuais para realizarem sua criação autoral. Reconhecendo os acontecimentos ordinários e casuais que podem ocorrer ao longo de um campo de pesquisa, seguimos com o pensamento de que devem ser reconhecidos, valorizados e comentados ao longo dos achados, afinal o cotidiano é repleto de ocasiões que nos surpreendem e arrebatam.

Embora sejam relativas às possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, essas táticas desviacionistas não obedecem à lei do lugar. Não se definem por este. Sob esse ponto de vista, são tão localizáveis como as estratégias tecnocráticas (e escriturísticas) que visam criar lugares segundo modelos abstratos. O que distingue estas daquelas capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar (CERTEAU, 1994, p. 87).

Para os cotidianos, a tática desenvolvida pelas praticantes é muito cara, importa-nos saber o que as praticantes fazem, a sua “inventividade artesanal” (GIARD, 1994, p. 15). Certeau (1994) interessava-se pela criatividade cotidiana e indagava sobre procedimentos populares realizados pela inconformidade com o instituído, com o dominante, “que ‘maneiras de fazer’ formam a contrapartida”? (p. 40). E completa:

Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. [...] Esses modos de proceder e essas astúcias de consumidores compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina que é o tema deste livro (CERTEAU, 1994, p. 41).

Ou seja, Certeau estava interessado na criatividade, nas operações, na tática, nos improvisos, na bricolagem e nas astúcias que os praticantes faziam no inconformismo às estratégias elaboradas pelas elites, como nos apresenta Luce Giard (1994):

Já se acha claramente esboçada a sua “empreitada teórica”: é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações dos seus usuários; é mister ocupar-se com “as maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática. (p. 13)

Compreendendo o “desvio” feito pelo grupo, a postura em sala não foi de repreensão, mas de descobrir se elas não sabiam as características de cada cibervídeo ou se sabiam e apostaram em uma prática diferenciada. Após questionamento sobre o motivo para suas operações, as usuárias responderam:

Márcia: Eu acho que o webinar foi evoluindo, a gente demorou muito justamente para descobrir o que era o webinar, porque existem diferentes conceitos, diferentes plataformas. Então tem plataforma cara à beça que você paga em euros e dólares, que certamente ia ficar muito melhor a gravação... já vem tudo estruturadinho, você pode chamar mil pessoas para participar do webinar. E eu acho que, assim, a ideia é mostrar que vai tudo evoluindo, eu acho que na verdade é um projeto em transformação.

Maria da Guia: A questão é justamente para mostrar que com pouco a gente pode fazer muito.

Lidiane: Foi bom que a gente aprendeu a usar e daqui vamos aperfeiçoando e assim vai ficar bom.

Pesquisadora: Vocês perceberam a diferença entre o webinar e o vídeo que fizeram?

Lidiane: Sim. Se fosse uma pessoa só falando a gente ia fazer o que com o resto do grupo? A gente preferiu fazer tipo uma roda de conversa, pois todos poderiam participar, aparecer no vídeo e ficar feliz.

Professora: De onde vocês tiraram a noção de roda de conversa?

Lidiane: Então, é porque eu achava que era o melhor a ser feito, se fosse só a Ana falando ou então o método de entrevista ia ficar aquela coisa de sempre e a gente tentou inovar um pouquinho fazendo uma roda de conversa para todo mundo poder participar.

Certeau (1994) sugeria que, para “ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto”. (p. 35) Assumindo tal postura, analisamos as táticas e a

bricolagem realizadas pelo grupo para produzir o webinar e verificamos a semelhança com um exemplo dado por Certeau (1994): durante a colonização espanhola, os indígenas subvertiam as ações impostas, fazendo “outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas” (p. 39). Como o grupo 2, os indígenas recebiam as orientações dos espanhóis, não rejeitando-as diretamente, mas bricolando a ordem recebida com sua maneira de usá-la. Isto é, as maneiras de fazer eram diferentes das estratégias traçadas pelos colonizadores.

Supõe que à maneira dos povos indígenas, os usuários “façam uma bricolagem” com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras. Desta atividade de formigas é mister descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos, as possibilidades (CERTEAU, 1994, p. 40).

Como na fase de planejamento foi compartilhado outro webinar no fórum de discussão, para um maior entendimento de suas características, durante a apresentação, as praticantes demonstraram entender a proposta e mobilizaram novos saberes para a produção audiovisual, entendemos que o resultado foi justo, ou melhor, foi além do esperado. O bricoleur astucioso do grupo nos fez aprender na troca, no novo e no desafio.

Como artesão da sua própria formação, o bricoleur desafia os cenários formativos que o afetam em favor da emergência de outros autores, de outras autorias. Assim, em termos formativos, sua ação deve ser potencializada, seu surgimento deve ser mobilizado, para que a formação se realize inclusive como aprendizagens nascentes, majorantes. O bricoleur faz parte do élan vital necessário à itinerância e à errância heurísticas (MACEDO, 2000; 2010), tão necessárias à inflexão das nossas ações da formação em direção à criação e ao não conformismo. (MACEDO, 2012, p. 51)

Para a Multirreferencialidade, o grupo utilizou a noção de bricoleur em suas práticas, desafiando a proposta formativa apresentada em prol da coletividade. Por isso, entender a proposta do grupo foi um ato de potencializar o surgimento do novo e das aprendizagens emergentes. O desejo eminente na Oficina de proporcionar a autorização e a consequente criação original por parte dos praticantes trouxe experiências significativas

para que pudéssemos soltar as amarras e os engessamentos comuns na dinâmica educacional tradicional.

Como mencionado anteriormente, a bricolagem exige que o pesquisador crie, mescle, e saiba como tecer uma colcha de retalhos. Identificou-se, desta forma, uma bricolagem realizada pelo grupo na sua primeira produção audiovisual, quando elaborou um webinar com características de videoconferência, tecendo o seu próprio vídeo. Recorremos ao sentido atribuído por Parente (2016, p. 83): “Tal ressignificação de objetos banais, a partir de uma nova disposição de seus elementos internos, em potentes máquinas produtoras de signos, é algo próprio da bricolagem”. Destaca-se na fala de Parente (2016) a hibridização a partir do corriqueiro, o autor utiliza a palavra “bricolagem” para os audiovisuais, nos possibilitando refletir e ir além da bricolagem com os gêneros de cibervídeos.

McLuhan (1964), em seu capítulo sobre “O meio é a mensagem”, já observava que as tecnologias gradualmente criam novos ambientes humanos. No fim do capítulo, ele diz que “O híbrido, ou encontro de dois meios, constitui um momento de verdade e revelação, do qual nasce a forma nova” (p. 75). Hoje, os novos audiovisuais podem ser chamados de híbridos, embora já estejam em fase de desibridação, tendo em vista as mudanças cotidianas na cultura comunicacional que mostram o ambiente já nos preparando para a próxima etapa.

Reparem que Márcia, durante a conversa sobre as táticas do grupo para a elaboração do webinar, falou: “E eu acho que, assim, a ideia é mostrar que vai tudo evoluindo, eu acho que na verdade é um projeto em transformação.” Sábria Márcia, que nos ensinou muito e alertou para esse projeto em transformação que é a vida e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos. As componentes do grupo subverteram o instituído, talvez não saibam a importância dos usos que fizeram, mas nos ensinaram que formas, formatos e características são rótulos ou estruturas que os cotidianos e a cibercultura estão fazendo questão de rasgar.

nestes ambientes para roubar, copiar, parodiar, imitar, tirar daqui e misturar de lá. Há, nessa dinâmica, toda uma tendência para o fim do vídeo pela instauração de um audiovisual em rede. Um novo construto das plataformas que inclui vídeo e usuário, profissional e amador, mas cuja necessidade de agir, de intervir e de usar é o que prevalece. É o que nos leva a pensar numa softwarização do audiovisual e da cultura. (MONTAÑO, 2015, p. 26)

Concordando com Montaña, entendemos que há uma necessidade enorme de agir, de intervir e de usar o que está posto, mesclando, remixando, imitando, parodiando ou misturando o que for preciso. Nossa concepção de educação e audiovisual prevê criatividade, autoria e interatividade. Os praticantes da pesquisa provocaram a reflexão sobre todo o delineamento do dispositivo, que iniciou dividindo os vídeos em gêneros, formatos e características. Repensamos essa postura e, a partir da experiência no campo da pesquisa, alteramos nosso olhar sobre os audiovisuais para as audiovisualidades, com propostas abertas ao novo, com um “borrar de fronteiras” (SOARES ET AL., 2016, p. 136). A combinação de diferentes linguagens e diversos gêneros de cibervídeos pode resultar em bons objetos de aprendizagem, bons recursos audiovisuais/educacionais.

Considerações finais

A cultura contemporânea mediada pelo digital em rede move consideravelmente nossos usos e vivências. Os membros das comunidades virtuais utilizam o ciberespaço para trocar conhecimento, como imagens, narrativas textuais imagéticas e audiovisuais, com objetivos diversos. Os cibervídeos são o tema de estudo e, mapeados a partir do envolvimento na educação online, suscitaram muitas reflexões ao longo deste artigo.

A singularidade dos cibervídeos engendra o compartilhamento de incontáveis acontecimentos que podem ser utilizados a favor da educação online. O intuito do estudo é potencializar usos dos praticantes ciberculturais e estimular o aprendizado em rede pelas novas gerações, que possuem habilidades cognitivas diferentes, aprendizado que nasce na virtualidade, imerso nos processos culturais contemporâneos. O intuito do estudo dos cibervídeos na educação online é potencializar outras

arquiteturas para o desenho didático online, com mais sintonia com as aprendizagens contemporâneas. E, no presente artigo, um olhar teórico-epistemológico para as produção científica sobre e com os audiovisuais.

Na seção dos fundamentos teóricos e dos princípios da pesquisa discutimos as abordagens dos cotidianos e da multirreferencialidade para *fazerpensar* a ciência, na perspectiva pós-moderna e qualitativa, valorizando a interação e o compartilhamento na construção conjunta de sentidos. Contra as premissas dos critérios ditos “científicos”, valorizamos os saberes comuns dos praticantes, as táticas e os usos (CERTEAU, 1994), assim como a bricolagem (ARDOINO, 2003) que tornam o cotidiano mais criativo, instigante, desafiador e multirreferencial.

A noção subsunçora “Táticas audiovisuais na educação online: uma bricolagem com vídeos” aborda a “inventividade artesanal” (CERTEAU, 1994) e as táticas utilizadas pelos praticantes da pesquisa para romper com o instituído e bricolar a produção audiovisual para algo que os contemplasse. O nome dado pelo grupo foi webinar, mas assumiram utilizar as características da videoconferência, o que nos permitiu identificar na ação uma bricolagem.

Desenvolver uma pesquisa-formação na cibercultura instiga a docência e a pesquisa em uma relação única e implicada; o olhar para a práxis muda, a preocupação com a pesquisa e com os praticantes também. Os praticantes alertaram para um novo rumo da pesquisa, para uma concepção audiovisual mais coerente com a cibercultura, assim ressignificamos nossas práticas docentes e repensamos nosso fazer científico. Além dos resultados expostos nas reflexões anteriores, pode-se compreender a experiência vivida por todos os envolvidos como um resultado positivo, tanto na produção audiovisual, que gera diferentes práticas na formação de professores, quanto para os pesquisadores, sensíveis à mudança e abertos ao imprevisto que o trabalho com audiovisuais provoca. A partir disso, percebemos que os vídeos refletem a realidade, descortinam a alma, trazem à tona as mazelas, as delícias e as novidades da docência.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. 3ª ed. Petrópolis: DP&A, 2008, p.13-38.

AMARO, Ivan; SOARES, Maria da Conceição Silva (orgs.). *Tecnologias digitais nas escolas: outras possibilidades para o conhecimento*. 1. ed. Petrópolis, RJ: DP et Ali, 2016.

ARDOINO, Jacques. *Para uma pedagogia socialista*. Brasília: Editora Plano, 2003.

AVILLA, Carina, d'; SANTOS, Edméa. O. Imagens voláteis e formação de professorxs: dispositivos tecnológicos e lúdicos para as práticas pedagógicas. *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade (on line)*, v. 3, p. 113-127, 2014.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*. Tradução Maria Cecília Oliveira Marques. São Paulo: Paulinas, 1989.

BERGER, Guy. A multirreferencialidade na Universidade de Paris Vincennes à Saint-Denis: o pensamento e a práxis de Jacques Ardoino. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (org.). *Jacques Ardoino & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BORBA, Sérgio da Costa. *Multirreferencialidade: na formação do “professor-pesquisador”: da conformidade à complexidade*. Alagoas: EdUFAL, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: *Interfaces da Educ., Paranaíba, v.11, n.31, p. 235 - 257, 2020*
ISSN 2177-7691

Vozes, 1994.

DUARTE, Rosália; ELEÁ, Ileana. Mídia-educação: teoria e prática. In: SANTOS, Edméa. (org.). *Mídias e tecnologias na educação presencial e a distância*. Rio de Janeiro: LTC, 2016, p. 3-17.

GIARD, Luce. Apresentação. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994, 9-34.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.

MACEDO, Roberto Sidnei. Multirreferencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (orgs.). *Jacques Ardoino & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 35-61.

MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (org.). *Jacques Ardoino & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas*. Salvador: EDUFBA, 2009. 174 p.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

MONTAÑO, Sonia. *Plataformas de vídeos: apontamentos para uma ecologia do audiovisual da web na contemporaneidade*. Porto Alegre: Sulina 2015.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a colcha de

retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, maio/ago. 2012. Disponível em: Acessado em: 14 maio 2017.

PARENTE, André. Do quase ao pós-cinema: o cinema como efeito. In: SANTAELLA, Lucia (org.) *Novas formas do audiovisual*. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016, p. 82-107.

SANTOS, Edméa O. *Pesquisa-formação na cibercultura*. 1. ed. Santo Tirso: Whitebooks, 2014. V. 1. 202p.

SOARES, Maria da Conceição Silva. O audiovisual como dispositivo de pesquisas nos/com os cotidianos das escolas. *Revista Visualidades*. Goiânia, v. 14, n.1, p. 80-103, jan./jun. 2016.